

LITERATURA E AUTORITARISMO. A PERSONAGEM DO ESCRITOR FRENTE À
REPRESSÃO EM DUAS OBRAS DA LITERATURA ALEMÃ CONTEMPORÂNEA

Rosani U. Ketzer UMBACH

UFSM

ABSTRACT

This text intends to analyse the topics of authoritarianism, opposition and repression in the german contemporary literature. Among the many authors who deal with these topics, Erich Loest and Christa Wolf were selected, because they present these topics in a special point of view: the one of a writer figure.

Este artigo pretende analisar os tópicos do autoritarismo, da oposição e da repressão na literatura alemã contemporânea. Entre os muitos autores que abordam a temática, foram selecionados Erich Loest e Christa Wolf, porque eles apresentam esses tópicos sob a ótica de uma personagem escritora. Pretende-se mostrar que as personagens escritoras são apresentadas, nos textos, como vítimas de um sistema de governo autoritário, mas também como pessoas acomodadas à situação e, até certo ponto, coniventes com o autoritarismo. Como se verá adiante, o sistema autoritário retratado nas obras representa o "socialismo real" da RDA.

Inicialmente nos deteremos numa rápida conceituação terminológica, para, em seguida, apresentar os autores selecionados e suas respectivas obras dentro do contexto da literatura alemã

contemporânea. Finalmente, será analisada a personagem do escritor frente à repressão nas obras *Zwiebelmuster* (1985), de Erich Loest, e *Was bleibt* (1990), de Christa Wolf.

1. Autoritarismo, oposição e repressão

No panorama político do século XX, houve um processo de consolidação de formas de Estado democráticas em todo o mundo. Isso, entretanto, não conseguiu impedir o surgimento de sistemas autoritários, as assim denominadas "ditaduras modernas", geralmente propiciadas por crises econômicas e sociais e resultantes de golpes para tomar o poder (BRACHER, 1985, p.17). Fases de autoritarismo ocorreram, por exemplo, na maioria dos países da América Latina, durante os regimes militares, mas também na Alemanha, durante o Nazismo e nos anos de maior repressão na República Democrática Alemã (RDA), entre 1961 e 1980. Sem entrar aqui na discussão das ciências políticas em torno da definição dos termos 'autoritarismo', 'totalitarismo' e 'fascismo', tomamos por base um conjunto de características comuns aos "sistemas autoritários" para selecionar o pano de fundo extraliterário para este estudo. "Trata-se de sistemas que têm uma estrutura monística de governo, que detêm o monopólio sobre armas, economia e imprensa e que procuram implantar uma ideologia de Estado oficial com auxílio de uma polícia secreta, que controla os indivíduos" (MÖLLER-ZEIDLER, 1995, p. 219). Estas características eram inerentes ao regime socialista da RDA, que surgiu após a II Guerra, no bojo da ocupação soviética, e se prolongou até a queda do Muro de Berlim, em 1989.

“O que era a oposição na RDA?” Este é o título de um ensaio, cujo autor (KNABE, 1996, p.185) apresenta uma tipologia da oposição na Alemanha Oriental. Em se tratando do regime socialista alemão, é necessário frisar que uma oposição fundamental e ativa levava à dissidência, ou seja, o partido socialista unitário não admitia a crítica pública aos fundamentos do regime estabelecido. Assim sendo, restava aos cidadãos apenas a crítica parcial, dosada. Havia, isoladamente, resistência passiva de pessoas ou grupos contrários ao sistema, sem que sua oposição fosse abertamente articulada.

Dentro do regime socialista alemão, a repressão - entendida aqui como movimento que visa a suprimir uma oposição real ou imaginária - era aguçada em situações de crise política. Por ocasião do levante de trabalhadores em junho de 1953, por exemplo, tanques soviéticos reinstauraram a ‘ordem’, reprimindo os protestos. Nos anos seguintes, intelectuais que pediam reformas foram presos, professores universitários perderam o direito à docência, escritores como Erich Loest foram proibidos de publicar. Em 1961, com a construção do Muro de Berlim e o fechamento das fronteiras, os cidadãos perderam o direito às viagens para o lado ocidental; viajar passou a constituir um privilégio concedido pelo Estado em troca do apoio ao sistema vigente. O serviço secreto de segurança do Estado, denominado “Staatssicherheitsdienst” ou simplesmente “Stasi”, estendeu sua rede de espionagem por todo o país, ameaçando não só os intelectuais, mas também os trabalhadores.

Cenários de insegurança e medo, de repressão, são retratados em muitas obras de autores que viveram este período autoritário na RDA. As obras aqui escolhidas para análise têm a particularidade de

apresentarem uma personagem escritora inserida no contexto social e político apresentado. Para os escritores, os regimes autoritários costumam trazer muitos problemas: o controle da produção literária é feito por órgãos de censura institucionalizados, que podem usar como instrumentos de controle tanto a ameaça, como a pré-censura (quando os textos devem ser apresentados antes de serem publicados) e a censura propriamente dita (proibição posterior ou apreensão de material já publicado). Também na RDA havia órgãos de censura institucionalizados. Erich Loest fez deles o tema de um de seus livros, intitulado "Der vierte Zensor" (1984), publicado no lado ocidental depois que o autor abandonou a RDA.

2. Erich Loest e Christa Wolf: RDA como tema

Ambos os autores são oriundos da antiga Alemanha Oriental, nasceram em 1926 e 1929 respectivamente, vivenciaram o Nazismo e a II Guerra em sua juventude e viram surgir o regime socialista em seu país no pós-Guerra. Em sua carreira literária, entretanto, seguiram caminhos opostos. Enquanto Erich Loest - escritor desde 1950, preso em 1957 por motivos políticos e condenado a vários anos de prisão - mudou-se para a Alemanha Ocidental em 1981, Christa Wolf, que iniciou sua carreira como escritora em 1962, sempre permaneceu no lado oriental.

Loest sofreu várias formas de censura enquanto escrevia na RDA. Seu romance "Es geht seinen Gang oder Mühen in unserer Ebene" (1978) passou por todas as instâncias da pré-censura, como era de praxe

(editora, "Lektor", chefe da editora, departamento de publicações do Ministério da Cultura). Foi publicado e, depois de esgotada a primeira edição, uma segunda edição foi proibida, caracterizando um caso de pós-censura. Como consequência dos atos de censura, o escritor deixou seu país e passou a publicar na Alemanha Ocidental.

Christa Wolf faz parte de um outro grupo de escritores da RDA que, embora tentasse manter uma posição crítica em relação ao regime socialista, permaneceu-lhe leal até o fim. Imbuído de uma visão ,anti-imperialista', esse grupo de escritores, ao mesmo tempo "crítico e leal" (DOMDEY, 1996, p. 167), pregava a reforma do sistema, cujas mazelas eram incontestáveis. Mas, para que a "opção Socialismo" pudesse ser mantida, continuava aliado ao regime. Como Erich Loest, Christa Wolf também foi submetida à pré-censura e, em pelo menos uma ocasião, houve pequenos cortes em sua obra "Kassandra" (1983), motivados pela censura. A diferença essencial entre os dois autores é que, enquanto o primeiro radicalizou sua crítica para uma crítica fundamental ao sistema como um todo, a segunda visava, com sua crítica, à reforma e manutenção desse mesmo sistema. .

No contexto da literatura alemã contemporânea, Erich Loest figura entre os escritores vindos do lado oriental, cuja temática continua centrada na RDA, mesmo que eles já estejam há muitos anos no lado ocidental. Christa Wolf, considerada a mais importante autora da RDA e, devido à sua projeção também na Alemanha Ocidental, uma das maiores escritoras da Alemanha unificada, igualmente fez da RDA um de seus temas principais.

Como na maioria de seus romances, Loest procura apresentar um retrato realista e crítico da RDA em "Zwiebelmuster", publicado na Alemanha Ocidental em 1985, quando o autor já havia deixado seu país. Também realista e crítico é o retrato da Alemanha Oriental feito por Christa Wolf em "Was bleibt", onde ela mostra os métodos de espionagem que eram usados contra a população na extinta RDA. Embora tenha escrito o livro em 1979, a autora só liberou sua publicação dez anos depois, quando o regime socialista havia caído, caracterizando, com isso, um caso de auto-censura.

Tanto em "Zwiebelmuster" como em "Was bleibt", a personagem principal exerce a função de escritor da RDA. Cabe aqui fazer uma distinção entre o papel do escritor da RDA e o de países ocidentais, onde se espera de um escritor que ele saiba escrever bem, expressando sua individualidade, e que seus livros encontrem um mercado consumidor. Na extinta Alemanha Oriental a profissão era imbuída de um caráter sócio-político excepcional, já que o escritor, além de ser considerado uma instância moral, muitas vezes desempenhava o papel de representante da coletividade, de 'voz do povo' na literatura (SCHLENSTEDT, 1991, p. 169 s.). Também era nas obras literárias e nas discussões com seus autores que as pessoas tentavam orientar-se politicamente e buscar alternativas para o aperfeiçoamento da sociedade.

Ambas as narrativas aqui analisadas são caracterizadas por uma estrutura básica: trata-se da confrontação da personagem escritora com o aparato repressivo do Estado. Conseqüentemente, ambas terminam da mesma forma: ocorre uma mudança na vida das personagens depois

do confronto com a repressão. Veremos a seguir como se processa este confronto da personagem com a repressão.

3. "Zwiebelmuster": a internação na clínica psiquiátrica

"Zwiebelmuster" conta a história de um escritor da RDA, de meia idade, casado com uma diretora de loja de departamentos, pai de dois filhos – um rapaz que está cumprindo o serviço militar como fotógrafo das forças armadas e uma moça, ainda estudante -, ambos educados dentro da ideologia socialista. O grande sonho do escritor é fazer uma viagem para o lado ocidental, o maior privilégio que a RDA tem a oferecer a seus cidadãos: visitar um país fora do bloco socialista depende da concessão de uma licença especial por parte do regime. Na visão da personagem, este privilégio está diretamente ligado a seu status como escritor, pois só os autores renomados conseguiriam o visto para países ocidentais. Assim sendo, ele procura desenvolver sua carreira literária dentro dos limites estéticos e ideológicos estabelecidos pela política cultural. Por não conseguir fazer a sonhada viagem, acaba sentindo-se como cidadão de segunda classe e ficando alienado em um mundo próprio, internado numa clínica psiquiátrica, à mercê das decisões do Partido.

Inicialmente, o narrador em 3ª pessoa de "Zwiebelmuster" caracteriza o escritor Hans-Georg Haas como ajustado à situação social e política de seu país, indiferente ao autoritarismo vigente. Tanto ele como sua mulher, Kläre, são filiados ao SED, o Partido Socialista Unitário. Além disso,

procuram ser "socialmente ativos", isto é, procuram participar de comissões instituídas pelo partido e de eventos por ele programados, por exemplo, o que conta muitos pontos a seu favor dentro do sistema estabelecido. O regime autoritário é representado pela polícia política secreta, pela existência de um partido único, pela distribuição de privilégios por parte do regime e pela atuação de órgãos de censura institucionalizados. A princípio, o autoritarismo não incomoda o escritor, já que ele se sente integrado ao sistema, do qual espera obter o privilégio maior: a permissão para viajar para o Ocidente. Para Haas, o destino da viagem não faz muita diferença: pode ser tanto a América do Sul como o Mar Mediterrâneo. Para cada país, ele imaginou um tema sobre o qual poderia escrever para justificar a viagem. Pode-se deduzir a importância da viagem para Haas a partir da seguinte descrição:

Haas lembrou que, em suas conferências, freqüentemente lhe perguntavam se havia estado nos países sobre os quais escrevia, e quando ele tinha de negar, surgia, com indulgente escárnio, a sempre idêntica observação: 'Como Karl May'. (18)¹

Com a referência ao escritor alemão Karl May (1842-1912), que, de dentro da prisão descrevia, com riqueza de detalhes, paisagens e países que nunca havia conhecido², o narrador ironiza a situação dos escritores da RDA, ao serem impedidos de viajar livremente, chamando a atenção para a antiga reivindicação dos mesmos de conhecer os lugares sobre os quais pretendem escrever.

¹ A tradução das citações apresentadas neste trabalho foi feita por mim a partir dos originais em alemão.

² Em obras como "Winnetou" (4 volumes), "Old Surehand" (3 volumes) e outras.

Ao entrar em contato com as autoridades para obter seu visto, a personagem do escritor enfrenta longas esperas, mudança de planos, adiamento, indiferença, pesar. À medida que o sonho da viagem fica mais distante, Haas passa a cometer pequenos atos de rebeldia. Dos cem marcos alemães (moeda ocidental que ele recebeu da Associação dos Escritores para a viagem, da qual ficou, enfim, excluído) que deveriam ser devolvidos, ele gasta 20 para corromper o gerente de uma empresa estatal que fornece carvão para o aquecimento no inverno, conseguindo, desta forma, preferência na lista de entrega do produto. Sua mulher vê na atitude uma forma de oposição ao regime: "Um levante, uma quebra da norma, aqui alguém não se curvava à sabedoria do Estado e do Partido. Em que medida alguém o fazia, não era tão decisivo como o ato em si. Isso poderia ter conseqüências. (p. 231) Na verdade, trata-se apenas de resistência, de insubordinação às normas estabelecidas devido à desilusão de Haas com a falta de modernização do sistema de aquecimento. A falta de infra-estrutura, aliada à decepção do escritor por não ter viajado, funciona como estopim para a sublevação da personagem.

Também a filha do escritor, Marion, opõe resistência ao regime. Além de ter um namorado holandês, ou seja, oriundo de um país capitalista e, por extensão, considerado um "inimigo da classe operária", ela participa de um grupo ecológico que organiza uma passeata contra a poluição de uma fábrica de cimento. A passeata, entretanto, é reprimida pela polícia, e Marion fica proibida pelos agentes secretos de ver seu namorado, por ter participado da passeata. Atos de repressão como esses são descritos ao longo de toda a narrativa.

O "socialismo real" da RDA aparece freqüentemente retratado em descrições como a de um restaurante de Berlim Oriental, na "Leipziger Strasse":

Haas e Kopp, o leitor, comiam na Rua Leipzig em um dos melhores restaurantes, aqui a qualidade era inalterada, provavelmente por causa dos diplomatas ocidentais que vivem aqui. Não era preciso temer uma cozinha ruim, escondida atrás de reforma e remodelação. (16)

A descrição acima é uma referência aos restaurantes destinados à elite partidária, representada por Kopp, aos diplomatas, jornalistas estrangeiros e turistas vindos de países ocidentais. Nestes restaurantes, ao contrário dos comuns, famosos pelo mau atendimento e pela má qualidade das refeições servidas, o Estado tentava manter o padrão de qualidade encontrado nos melhores restaurantes de Berlim Ocidental.

4. "Was bleibt": o bloqueio psíquico e a luta pela autonomia

Em "Was bleibt", Christa Wolf também retrata uma escritora da RDA, de meia idade, casada, mãe de duas filhas. A narrativa tem como tema a angústia da personagem, que, por estar sendo espionada pelo serviço secreto de segurança do Estado, se dá conta de como era conivente com o regime estabelecido, por ter atrelado a ele suas esperanças de constituir uma sociedade mais justa. Bloqueada pela angústia, a personagem escritora só consegue retomar seu trabalho quando adquire a autonomia interna que, segundo ela, é imprescindível para escrever.

A personagem narradora de "Was bleibt" apresenta-se como uma escritora em situação de crise: não consegue escrever devido a um bloqueio psíquico, causado pelas circunstâncias a que está submetida. Descobre-se, logo no início da narrativa, que a escritora está sendo vigiada por agentes do serviço secreto, que não só a observam de defronte de sua casa, como também fazem escuta telefônica, violam sua correspondência e invadem sua casa quando ela está ausente. O efeito dessa espionagem sobre sua personalidade é o tema de suas reflexões.

De acordo com a personagem narradora, uma das conseqüências da repressão a que está sendo submetida é a intimidação. Ela está consciente de que exatamente esta é a intenção dos agentes do serviço secreto:

Provocar o medo, que, como se sabe, leva muitas pessoas a transigir, outras a ações precipitadas que, por sua vez, podiam servir de novo como demonstração de indícios para a necessidade da observação.
(21)

O medo faz com que a escritora se sinta seqüestrada, conforme sua própria descrição: "Seqüestro, sim, era isso, seqüestrada, em aflições." (17) Com esta afirmação, a narradora chama a atenção para sua subjugação e seu medo, causados pela observação. Ela é tratada como coisa, é degradada a objeto.

O fato de a personagem escritora sentir medo até quando não está sendo observada pelos agentes, que normalmente ficam dentro do carro

em frente à sua casa - "naqueles dias nos quais os carros não estavam realmente, apenas como fantasmas na minha retina" (22) - aponta para a internalização do medo. O medo continua agindo, mesmo quando os agentes não estão por perto, e torna-se um fenômeno permanente. Aterrorizada, ela sente sua personalidade ameaçada: "O mais puro horror, eu não sabia que ele se anunciava como insensibilidade." (80) O efeito do terror sobre a escritora é a sua dissolução como sujeito autônomo.

A perda de autonomia bloqueia também sua linguagem: ela se sente incapaz de escrever, de se articular:

Só não ter medo. Naquela outra linguagem que eu tenho no ouvido, ainda não sobre a língua, um dia falarei também sobre isso. Hoje, isso eu sabia, ainda seria muito cedo. Mas iria eu sentir quando seria chegado o momento? Eu iria até mesmo encontrar minha linguagem?(7)

Na verdade, não se trata apenas da linguagem da personagem, e sim de sua escrita. A escritora encontra-se em 'silêncio' em sentido figurado: ela não consegue escrever. A "outra linguagem", mencionada aqui, não se refere ao uso de um outro sistema lingüístico, e sim à própria linguagem da narradora: "minha linguagem". Isso significa: sua escrita como sujeito consciente. Em outras palavras, trata-se da expressão escrita do Eu da narradora. O bloqueio é causado pelo medo da repressão, da confrontação com o poder do Estado e pelo medo de falar sobre um tema tabu na RDA: a existência do serviço secreto.

O reconhecimento das estruturas totalitárias de poder e também de suas próprias ilusões pressupõe a superação do medo e significa enfrentar o processo doloroso de conscientização. Aqui são descritas as dificuldades de reconhecer a "verdade" sobre as estruturas da sociedade, de se livrar de ilusões e medos, de ver as próprias fraquezas. O medo de perder a esperança que ela relacionava com a RDA e a dor da conscientização causam conflitos de identidade:

Eu mesma. Quem era essa. Qual dos múltiplos seres que constituem 'eu mesma'. Esse que queria conhecer a si próprio? Esse que queria resguardar-se? Ou aquele terceiro que ainda estava tentando a dançar a mesma música que os jovens senhores lá fora em frente à minha porta? (57)

Para superar seu bloqueio ao escrever e poder dizer a verdade, a narradora precisa acreditar que um dia teria "tirado" de si e escorraçado "aquele terceiro", e que ela "realmente queria isso" (57). Isso significa que ela tem de desistir de um de seus "múltiplos seres", superando sua tendência de concordar com o regime estabelecido e perdendo seu medo de exclusão pela repressão.

5. O escritor frente à repressão: a destruição da personalidade

Em ambas as obras aqui analisadas, a perda de autonomia e a destruição da personalidade do escritor são apresentadas como consequência da repressão. Tanto em "Zwiebelmuster" como em "Was

bleibt", as personagens escritoras estão sujeitas aos ditames do Estado, dependentes da estrutura político-social vigente. Neste sentido, ambos os escritores são apresentados como vítimas da repressão. Ao mesmo tempo, são coniventes com o sistema, já que por medo, falta de conscientização e acomodação, não se rebelam.

Há uma diferença, porém, na tipificação das personagens: enquanto o escritor de "Zwiebelmuster" acaba internado numa clínica psiquiátrica, na dependência de um terapeuta, a escritora de "Was bleibt" supera sua crise existencial e retorna à sua independência, que havia perdido temporariamente. Deve-se ressaltar, contudo, que sua autonomia é apenas interior, já que nada se altera no sistema que descreve.

Referências bibliográficas:

BRACHER, Karl Dietrich. *Zeiten der Verführung: Die Ausbreitung des Totalitarismus im 20. Jahrhundert*. In: LESER, Norbert (Hrsg.) *Macht und Gewalt in der Politik und Literatur des 20. Jahrhunderts*. Wien, Graz, Köln: Böhlau, 1985, p. 11-28.

DOMDEY, Horst. *Kritik und Loyalität. Aspekte einer Typologie der Kritik von DDR-Autoren (Historische Skizze)*. In: *Trilateraler Forschungsschwerpunkt Differenzierung und Integration*. DFG, Züricher Gesamtsymposium, Boldern, 1995. Hrsg. v. Michael Böhler u.a., Zürich, 1996.

JÄGER, Andrea. *Schriftsteller-Identität und Zensur: Über die Bedingungen des Schreibens im „realen Sozialismus"*. In: *Text+Kritik*. Hrsg. v. Heinz Ludwig Arnold. München: Text + Kritik, 1991. (Sonderband Literatur in der DDR: Rückblicke)

- KNABE, Hubertus. *Was war die ,DDR-Opposition?* In: *Deutschland Archiv 2*, Opladen: Leske + Budrich, 1996, p.184-198.
- LOEST, Erich. *Zwiebelmuster*. München: DTV, 1988.
- , *Der vierte Zensor. Vom Entstehen und Sterben eines Romans in der DDR*. Köln, Wissenschaft und Politik, 1984.
- , *Es geht seinen Gang oder Mühen in unserer Ebene*. München, DTV, 1978.
- MÖLLER-ZEIDLER, Sabine. Literatur und Autoritarismus. Die zensierte Sprache in der Lyrik. In: CZIESLA, Wolfgang und v. ENGELHARDT, Michael (Hrsg.) *Vergleichende Literaturbetrachtungen*. München: ludicium, 1995, p. 219-243.
- SCHLENSTEDT, Dieter. Integration – Loyalität – Anpassung: Über die Schwierigkeit bei der Aufkündigung eines komplizierten Verhältnisses – Ein Gespräch mit Frauke Meyer-Gosau. In: *TEXT+ KRITIK*. Hrsg. v. Heinz Ludwig Arnold. Sonderband Literatur in der DDR: Rückblicke. München, 1991, p. 169-183.
- WOLF, Christa. *Was bleibt*. Frankfurt a.M.: Luchterhand, 1990.
- , *Voraussetzungen einer Erzählung: Cassandra. Frankfurter Poetik-Vorlesungen*. Darmstadt, Neuwied: Luchterhand, 1983.